

O Outro Oriental na Literatura Étnica Estadunidense Contemporânea

The Oriental Other in Contemporary American Ethnic Literature

Loiva Salete Vogt*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre - RS, 90040-060,
e-mail: loiva.vogt@feliz.ifrs.edu.br

Resumo: Há uma crescente necessidade de reflexão sobre formas de exclusão e encarceramento de sujeitos através do modo como são representados em contextos históricos e em universos ficcionais. Analisar questões referentes a gênero e etnia na literatura contemporânea tem sido pertinente no universo da Literatura Comparada. Nesse sentido, questiona-se a respeito das formas em que a literatura norte-americana apresenta as consequências do impacto traumático do Onze de Setembro na sua cultura através de narrativas produzidas por autores provenientes do Oriente Médio. Destaca-se a construção de um imaginário para o que vem a ser o Oriente. Nesse contexto, o presente artigo atende a uma necessidade de análise de obras literárias escritas por imigrantes do Oriente Médio residentes nos Estados Unidos sob o viés da Literatura Comparada. Os romances: *O caçador de pipas* (2003) de Khaled Hosseini e *Once in a Promised Land* (2007) de Laila Halaby foram selecionados pois evidenciam a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre o modo como reafirmam ou questionam o binarismo da cultura ocidental que coloca o Oriente em oposição ao Ocidente, incluindo imposições de gênero, barreiras de classe social e etnia, tendo o estudo da alteridade como foco. A fundamentação teórica está baseada nos Estudos Culturais e Pós-coloniais, tendo como referencial os teóricos Edward Said (1978), Homi Bhabha (1998) e Gayatri Spivak (1994). Como resultado parcial da pesquisa, observa-se o modo em que a primeira obra reafirma estereótipos orientalistas, enquanto a segunda questiona as projeções ideológicas que permeiam a formação desses estereótipos. Outrossim, percebe-se que ambas as narrativas abordam os traumas de seus protagonistas, sugerindo divergentes formas de lidar com as situações traumáticas.

Palavras-chave: Literatura étnica estadunidense; estereótipos; Oriente.

Abstract: There is a growing need for reflection upon forms of exclusion and incarceration of subjects through the way they are represented in historical contexts and in fictional universes. Analyzing issues related to gender and ethnicity in contemporary literature has been relevant in the universe of Comparative Literature. In this sense, American literature presents the consequences of the traumatic impact of 9/11 on American culture through its narratives. Among them, the construction of an imaginary for what comes to be the Orient is highlighted. In this context, the present article addresses a need to analyze literary works written by immigrants from the Middle East residing in the United States under the bias of Comparative Literature. The novels: *The Kite Runner* (2003) written by Khaled Hosseini and *Once in a Promised Land* (2007) by Laila Halaby highlight the need for further reflection on how they reaffirm or question the binarism of Western culture that pits the East in opposition to the West, including impositions of gender, barriers of social class and ethnicity, focusing on the study of otherness. The theoretical foundation is based on Cultural and Post-colonial Studies, presenting as reference

the theorists Edward Said (1978), Homi Bhabha (1998), and Gayatri Spivak (1994). As a partial result of the research, we can observe the distinct way in which the first work reaffirms orientalist stereotypes, while the second questions the ideological projections that permeate the formation of these stereotypes. Furthermore, it is clear that both narratives address the traumas of their protagonists, suggesting different ways of dealing with traumatic situations.

Keywords: American ethnic literature; stereotypes; East.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em meio a uma enxurrada de notícias envolvendo atos violentos contra imigrantes, refugiados no Brasil e em diversas partes do mundo. As projeções que colocam o estrangeiro na posição de inimigo e invasor no contexto americano têm sido alvo de estudos como os de Edward Said. Em 1978, o referido palestino publicou *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. A partir de sua obra, podemos refletir sobre o modo como a cultura ocidental e a nossa, latina, por imitação ou influência, expressam uma ideologia de pertencimento nacional que exclui o “outro” e desconfia do estrangeiro. Além das fronteiras nacionais, Said reflete sobre as civilizações constituídas por um determinado imaginário que se propaga como “verdade” através de suas inúmeras repetições e projeções orquestradas pela mídia e pelos produtos culturais tais como a literatura. Said menciona a sistemática opressão do oriental, criada a partir de uma ideia pejorativa sobre o que vem a ser o Oriente, definido em oposição ao Ocidente. Os estudos ocidentais a respeito do Oriente estão, assim, atrelados ao termo *Orientalismo*.

2. ORIENTALISMO

Segundo Said (1978), o Orientalismo é um estilo de pensamento baseado em distinções estereotipadas sobre o Oriente, projetado em situação de inferioridade em relação ao Ocidente. Said destaca que inúmeros poetas, políticos, economistas, filósofos tornaram-se especialistas no assunto e aceitaram as distinções entre Leste e Oeste, naturalizando o modo de pensar sobre o Oriente, incluindo seus povos e costumes, como se o Oriente fosse um lugar estático, um ponto fixo e imutável, precário e arcaico. Os povos do chamado Oriente Médio são descritos como inferiores, atrelados a valores já superados pela crescente cientificidade e organização tecnológica do Ocidente. A mídia

hegemonia é a principal defensora dessa ideia que evidencia o desejo de aprender a lidar com o Oriente, descrevendo-o, ensinando-o para que possa ser adequadamente assimilado e controlado pelo Ocidente. O Orientalismo tem, dessa maneira, a finalidade de estabelecer uma autoridade sobre o Oriente.

Ao analisar aspectos históricos, percebe-se que a partir do início do século XIX até o final da segunda guerra mundial, a França e a Inglaterra dominavam o Oriente e o Orientalismo. A relação entre o Ocidente e o Oriente era de poder e dominação, em que o Ocidente falava pelo Oriente, representando-o ao seu modo. O Orientalismo também não foi uma criação absolutamente fantasiosa da Europa, mas uma teoria que recebeu grande investimento material. Esse investimento fez com que o Orientalismo se tornasse produtivo. Foi criado um consenso através do ensino nas escolas, através da repetição dessas ideias pelas famílias e instituições, constituindo-se assim como parte de um conhecimento hegemônico. É esse discurso de hegemonia que colocou as civilizações europeias em posição de superioridade, em oposição às não europeias, menos industrializadas, com destaque para a influência dos preceitos religiosos, principalmente islâmicos, e as crenças místicas associadas ao Oriente.

O Orientalismo como o estudo do Oriente tem sua fonte em uma posição, um desejo, um investimento psíquico e material a partir do qual uma ideia de mundo foi constituída. O conceito de “raça” provém de idêntica projeção. Os orientais são descritos não como pessoas, sujeitos, mas como problemas a serem resolvidos, ou superados. Como o oriental é descrito como uma *raça* subjugada, a subjugação é representada na literatura, nas narrativas. Essa é a principal crítica estabelecida pelo teórico pós-colonial Edward Said que também acrescenta a crítica a uma concepção masculinizada do mundo, como fixa, estática em que a mulher oriental é descrita como exótica e submissa. O homem do Oriente Médio é geralmente descrito como sexualmente depravado, sua religiosidade mística aparece associada a um fundamentalismo que não valoriza o bem-estar do indivíduo, apenas a luta por uma causa coletiva, o que na sociedade ocidental e individualista é projetado como um absurdo. Há uma tentativa de esquecer que em todas as religiões há fundamentalistas que colocam alguma crença social e religiosa acima do bem estar de seus membros. Todas as religiões projetam rituais e sacrifícios. No entanto, o objetivo de transformação através do desenvolvimento espiritual aparece na mídia como ideia primitiva do Oriente.

Edward Said (1978) observa os processos de sujeição que se tornaram possíveis graças ao discurso estereotipado que generaliza o Islamismo e os muçulmanos. Said

considera que “o paternalismo do Ocidente fala pelo Oriente mudo” (1978, p.40). Said na qualidade de teórico humanista questiona: “Alguém consegue dividir a realidade humana [...] em histórias, culturas, tradições, sociedades, até raças diferentes e sobreviver às consequências humanamente? (SAID, 1978, p. 45). Nesse contexto, condena a construção de imagens estáticas para o Oriente e afirma: “O resultado dessas distinções é criar oposições úteis ao imperialismo que servem para limitar o encontro humano entre culturas, tradições e sociedades diferentes [...] Assim, o Oriente existe para o Ocidente” (SAID, 1978, p. 46).

Na esteira dos Estudos Decoloniais, o professor de Estudos Étnicos da Universidade de Califórnia, o Dr. Ramón Grosfoguel corrobora com as ideia de Said, alertando-nos a respeito do privilégio epistêmico ocidental e masculino que permeia o imaginário de quem rege as instituições e projeta o “eu” ocidental como universal:

A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o mundo (incluindo as mulheres ocidentais) tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é a verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais tem gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/ sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/ coloniais/ patriarcais que regem o sistema-mundo. (GROSFOGUEL, 2016, p. 25).

Grosfoguel utiliza o termo “epistemicídio” (2016, p.25) para explicar o que vem ocorrendo, ou seja, é metaforicamente a negação, o “assassinato” e a eliminação de “conhecimentos ligados à destruição de seres humanos (2016, p. 26), dos “outros” que não são pertencentes aos cinco países ocidentais: “França, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra e Itália” (2016, p. 26). Nesse contexto, faz-se necessária uma legítima reivindicação da voz dos subalternos, dos excluídos, o que leva a uma retomada da história oficial. “Refazer a história é uma persistente crítica, sem glamour nenhum, eliminando oposições binárias e continuidades que emergem continuamente no suposto relato do real.” (SPIVAK, 2019, p. 205). Para repensar a história é preciso analisar também a literatura produzida, observando a posição de autoria e os discursos propagados.

3. LITERATURA ÉTNICA ESTADUNIDENSE E A IMIGRAÇÃO DO ORIENTE MÉDIO

As identidades culturais necessitam ser negociadas. Nesse contexto, observa-se que constantes imigrações provenientes do Oriente Médio levaram a uma rica produção de obras literárias que abordam a questão do pertencimento étnico nos Estados Unidos. A literatura contemporânea no referido país está marcada por mais de um século de imigrações e a temática étnica tem sido focada na literatura, especialmente no período Pós Onze de Setembro.

Por um lado, há o discurso convencional que reproduz o *script* hegemônico: “nós” versus o “outro”, em que é apresentado um protagonista ocidental versus um antagonista oriental. A principal imagem de personagens do Oriente Médio ainda está vinculada à ideia de *monstro* presente em tantas narrativas. Sombrio e enigmático, o oriental geralmente é representado como o “não-eu”, o desconhecido, o inimigo a ser combatido e, muitas vezes, é árabe ou muçulmano. A mídia e as editoras têm um papel fundamental nessa difusão de imagens, pois há uma busca por publicações que remetem a um discurso estereotipado, o que reflete o desejo de manter essa associação negativa ao Oriente. Há traços e rostos específicos para o oriental, de acordo com interesses econômicos e culturais em prol da perpetuação da dominação e subjugação de determinados povos, etnias e categorias.

A literatura, juntamente com outras manifestações culturais, nos permite pensar e também sentir as incongruências desse tipo de discurso. Somente assim começamos a questionar as imagens que insistentemente são projetadas para nossa assimilação. Percebe-se que inclusive a História que chega até nós é proveniente de cortes, de exclusões, de adaptações e versões excludentes. Nesse contexto, a crítica literária Pós-colonial aposta na propagação de outras narrativas que podem ser contadas pelos grupos até então marginalizados pelo discurso hegemônico americano.

Benedict Anderson (1989) ao falar de comunidades imaginadas atenta para a relação entre “narrativas culturais” e a formação do conceito de “nação” (ANDERSON, 1989, p.14): Os mitos nacionais são valiosos instrumentos de propagação das supostas características que unem os povos provenientes de cada território. Esses mitos são legitimados pelo discurso oficial da História nacional. A literatura, artefato cultural, repete os mitos, atestando sua força, mas também pode contestá-los, apontando para as

incongruências e as cargas ideológicas fantasiosas que os mitos inevitavelmente carregam.

A metodologia utilizada pela Literatura Comparada possibilita o diálogo entre correntes teóricas como os Estudos Culturais e Pós-coloniais para analisar as narrativas dos excluídos, dos imigrantes, das mulheres, dos que estão em luta por seus direitos e por sua diferença em relação ao discurso hegemônico nacional. A literatura do período contemporâneo é vista como predominantemente testemunhal. A proposta metodológica é testemunhar a história híbrida em que é impossível refletir sobre as projeções ideológicas marcadas através da ficção. Em constante estado de deslocamento, o contar de uma história é entendido como um recorte que está permeado por um determinado discurso. Nesse sentido, o espaço-tempo do Pós-colonial é suplementar, ou seja, não nega, mas acrescenta às narrativas imperiais na medida em que revela as suas incongruências, a sua incompletude. O Pós-colonial está atento para os silenciamentos nas narrativas e para as situações vivenciadas por personagens marginalizados. Segundo o filósofo desconstrucionista Jacques Derrida (1991), o deslocamento, a perturbação apresentada pelas narrativas escritas no período Pós-colonial é iterativo. *Iter* provém de *Itara*, que em sânscrito significa “outro”. A fala desse outro apresenta a sua diferença que é também um “*in between*”, um entre-lugar e, assim, dialoga com os pressupostos de Homi Bhabha (1998) que nos instiga a reparar nos espaços de interlocução, nas mesclas e no hibridismo cultural.

4. O CAÇADOR DE PIPAS E ONCE IN A PROMISED LAND: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

O livro *The Kite Runner* (2003) foi publicado pela Riverhead Books. O autor Khaled Hosseini que vive nos Estados Unidos é proveniente do Afeganistão. Segundo Vogt em “*The Kite Runner e Once in a Promised Land: Esteriótipos do Oriente e a Literatura Étnica Norte-americana*” (2020, p.86), o romance passou a ser um *best-seller* internacional e ficou mais de cem semanas na lista de *best-sellers* do *New York Times*. Em maio de 2007, seu segundo romance intitulado *A Thousand Splendid Suns* (2007) estreou em primeiro lugar na lista de *best-sellers* do *New York Times*, permanecendo por quinze semanas e quase um ano inteiro na lista de *best-sellers*. Juntos, os dois livros

venderam mais de 10 milhões de cópias nos Estados Unidos e mais de 38 milhões de cópias em todo o mundo. O autor também escreveu *And the Mountains Echoed* em 2013¹.

O autor, médico e romancista é mundialmente reconhecido por sua obra literária, especialmente pelo primeiro romance *O caçador de pipas* (2003) que obteve maior visibilidade, no qual expressa experiências que colocam o sujeito muçulmano na posição de quem vive em meio à violência e fanatismo religioso, precisando ser “resgatado” pela cultura americana. Em seu texto, aparece o afegão americanizado chamado de Amir. Também há o mau afegão que é brutalizado e associado ao Talibã e o bom afegão que é uma vítima social, sua função é ser oprimido pelo malvado, permitindo, assim, que o afegão americanizado surja como herói para salvar seu filho (Sohrab) e levá-lo, é claro, para a América.

No romance, o herói Amir começa a ser construído na infância a partir de uma falta moral que o atormenta. Ele presencia o estupro do seu fiel amigo Hassan. O estuprador é o malvado Assef que propaga o discurso da necessidade de limpeza étnica no Afeganistão. Amir não reage, não faz nada para impedir por medo de falhar e decepcionar seu pai. Carrega a culpa por essa “falta” como um trauma. Por ocasião da invasão soviética, ele e o pai refugiam-se na América.

Eu me tornei o que sou hoje aos doze anos, em um dia nublado e gélido do inverno de 1975. Lembro do momento exato em que isso aconteceu, quando estava agachado por detrás de uma parede de barro parcialmente desmoronada, espiando o beco que ficava perto do riacho congelado. Foi há muito tempo, mas descobri que não é verdade o que dizem a respeito do passado, essa história de que podemos enterrá-lo. Porque, de um jeito ou de outro, ele sempre consegue escapar. Olhando para trás, agora, percebo que passei os últimos vinte e seis anos da minha vida espiando aquele beco deserto. Um dia, no verão passado, meu amigo Rahim Khan me ligou do Paquistão. Pediu que eu fosse vê-lo. Parado ali na cozinha, com o fone no ouvido, sabia muito bem que não era só Rahim Khan que estava do outro lado daquela linha. Era o meu passado de pecados não expiados (HOSSEINI, 2003, p.5).

O passado de Amir o atormenta e alimenta seu trauma, bem como, o desejo de superação: empreender uma volta ao Afeganistão dominado pelo Talibã para um resgate não do amigo de infância, Hassan, que já não vive, mas do filho do amigo que ele descobre ser seu sobrinho, pois seu pai Baba tivera um relacionamento com a mãe de

1 THE KHALED HOSSEINI FOUNDATION. **Biography** San Jose, California. 2006. Disponível em: <<http://khaledhosseini.com/books/and-the-mountains-echoed/discussion-questions>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

Hassan na época em que ela era sua empregada, e, portanto, seu pai, chamado de Baba por apenas ocupar uma função na narrativa (ser pai), era também o pai de um filho ilegítimo: Hassan. O resgate de Sohrab (filho de Hassan) atende à sua necessidade social de formar uma família completa, pois não tem filhos com sua esposa e também é uma questão de honra: sendo agora um cidadão americano, sente-se empoderado para comprovar sua masculinidade, salvando seu semelhante inferior. Atendendo ao patriarcado, consertando os erros (seus e alheios), tornando-se um pai, um herói.

O “outro” da obra é o pedófilo, antagonista, membro do Talibã, é Assef que brutalmente estupra crianças, admira Hitler e pratica execuções públicas no estágio de futebol no Afeganistão. Porém, há um momento em que o protagonista Amir identifica-se com esse outro. Pertencem ao mesmo grupo étnico Pashtun e são membros da elite afegã.

Amir relembra um sonho do amigo de infância Hassan no qual os dois nadam em um lago. Há rumores de que há um monstro no lado e, no sonho, eles entram para averiguar:

— Estávamos no lago Ghargha — disse ele. — Você, eu, o pai, Agha Sahib, Rahim Khan e mais um monte de gente. Fazia sol, a temperatura estava ótima e o lago estava límpido como um espelho. Mas ninguém estava nadando porque andavam dizendo que um monstro tinha vindo para o lago. Estava escondido lá no fundo, só operando (HOSSEINI, 2003, p.51).

No sonho, o menino Hassam nada no lago e o protagonista Amir acompanha-o. Chegam primeiramente à conclusão de que não há monstro algum no lago, ou seja, um sinal de que não há nada a temer. No entanto, no dia após o sonho, ocorre o campeonato de pipas e Hassan é estuprado para conseguir resgatar a pipa de Amir que está com Assef. Amir assiste calado e escondido. Mergulhar no lago, sugestivamente é uma metáfora em relação à descoberta da sexualidade. No entanto, a violência e o trauma permeiam a cena do estupro. Ao refletir sobre o ocorrido e sua relação com o sonho, Amir conclui:

Lembrei do sonho de Hassan, aquele em que nadávamos no lago. "Não tem monstro nenhum aí," era o que tinha dito, "só água". Mas ele estava enganado a este respeito. Tinha um monstro no lago, sim. Ele agarrou Hassan pelos quadris e o arrastou para o fundo tenebroso. Esse monstro era eu (HOSSEINI, 2003, p.73).

Amir identifica-se com o monstro. A narrativa surpreende, pois o suposto monstro que atacou seu amigo era Assef. Pode-se dizer que a culpa fez Amir sentir-se um monstro, pois foi por sua causa que Hassan caiu nas mãos de Assef. Ele é estuprado como preço a

ser pago para conseguir de volta a pipa de Amir, que representa o símbolo de sua vitória no campeonato e, conseqüentemente, sua possibilidade de conseguir o afeto e o reconhecimento por parte do seu pai. Hassan submete-se para que Amir atinja seu objetivo de agradar ao seu pai. Amir sente-se um monstro covarde que permite o sacrifício do amigo. Porém, posteriormente, pratica outros atos contra Hassan movido pela inveja em relação à sua bravura. Esses atos acabam afastando-o de seu convívio e ele carrega para a vida adulta na América o estigma e a culpa de ter sido malvado com o fiel amigo de infância.

Alegoricamente, é possível fazer uma analogia em relação ao que cada personagem representa. Sendo assim, Hassan seria o povo afegão indefeso que se submete ao Talibã (Assef). Amir americanizado, primeiramente, assiste à injustiça sendo cometida até porque lhe convém para conseguir de volta a pipa (os bens, as riquezas afegãs). No segundo momento, anos depois, Amir, já um cidadão americano, volta ao Afeganistão para resgatar o filho de Hassan, Sohrab. A ação ocorre para redimi-lo da culpa por omissão no passado, mas há um interesse a mais: Amir tornar-se pai do menino Sohrab. Há uma relação de paternalismo a ser estabelecida. Isso nos faz refletir sobre os interesses imperialistas. A relação com o “outro” é ambígua, pois o monstro pode ser o “eu”, caso haja interesses envolvidos. Além disso, representar o “outro” como monstro implica em desumanizá-lo. Na obra, o que fica explícita é a dicotomia: “eu” versus o “outro, sendo o “eu” comprometido com o discurso de supremacia hegemônica americana que envolve uma identidade nacional marcada por apagamentos e binarismos.

Em contraponto a esse discurso, temos vozes de mulheres como a da escritora Laily Halaby. Natural de Beirute, é filha de um jordaniano de origem palestina e de uma americana. Foi criada principalmente no Arizona onde alcançou a formação universitária em italiano e árabe, além do mestrado em literatura árabe e em aconselhamento. Trabalha como conselheira na Faculdade de Saúde Pública da Universidade do Arizona. Publicou histórias infantis, um livro de poemas e dois romances: *West of the Jordan* (2003), vencedor de um Prêmio PEN / Beyond Margins e *Once in a Promised Land* (2007), vencedor de *Barnes and Noble*. O segundo romance foi nomeado pelo *Washington Post* como uma das 100 melhores obras de ficção para 2007. Foram ambos publicados pela

Beacon Press. Atualmente, Halaby está escrevendo um terceiro romance sobre um soldado americano que volta da guerra contra o Iraque².

Apesar de mais de dez anos terem se passado após a publicação, seu segundo romance ainda não foi traduzido para a língua portuguesa: *Once in a Promised Land* (2007) apresenta uma visão de empatia intercultural, explorando barreiras identitárias, mas também semelhanças culturais ao apresentar o conflito gerado pelo preconceito étnico no imaginário coletivo no contexto americano. No romance, uma família de origem árabe vivendo na América percebe a dissipação de sua possibilidade de viver o “sonho americano”. O casal aparentemente integrado ao contexto americano de classe média-alta depara-se com a situação de ser visto como o “eles” da nação americana na estrutura binária: nós versus eles.

A narrativa está situada no período em torno do onze de setembro de 2001 e evidencia o dramático potencial destrutivo do trauma, da violência e da culpa nas relações humanas. O foco recai sobre a tensão e a paranoia gerada na sociedade americana pelo trauma do onze de setembro e resgata sua possível relação com os próprios problemas dessa cultura: a intolerância disfarçada, a necessidade de negação da própria vulnerabilidade, o patriarcado e o mal-estar gerado pela presença dos chamados grupos minoritários. Sua mensagem é transgressora, subversiva em relação ao padrão em voga, tão difundido pela mídia que é olhar para o “outro” - entendido aqui como o Oriente Médio- como o inimigo a ser conquistado e aculturado para que possa ser assimilado e assim coopere com os propósitos imperialistas.

No romance, a partir do trauma do Onze de Setembro, a cápsula protetora ao redor dos pertencentes à classe social mais elevada - no caso de serem de origem árabe ou muçulmana- é rompida. A protagonista do romance e o marido passam por uma série de infortúnios em que ele torna-se suspeito de terrorismo e ela é vista como mulher árabe sexualmente reprimida pelo marido. A narrativa denuncia o processo de encaixe forçado em estereótipos que acabam levando à exclusão do casal em relação à América. A crise identitária também leva-os a olhar novamente para suas origens em prol de uma autoafirmação étnica, no entanto, percebem-se híbridos, árabe-americanos. Passam a perceber o que antes eram incapazes por terem estado protegidos em sua redoma de classe alta: a exclusão social e étnica na América.

2 HALABY, Laila. **Bio**. Boston: Beacon.org. Disponível em: <http://lailahalaby.net/bio/> Acesso em: 04 abr. 2017.

5. CONCLUSÕES

A literatura como manifestação cultural pode encenar uma condenação ou provocar uma sensação de inquietante estranhamento frente ao outro apresentado. Ao observar a literatura produzida no período, percebe-se o destaque de obras como *O caçador de pipas* (2003) de Khaled Hosseini. A dicotomia entre Ocidente e Oriente está presente na obra na formação identitária dos personagens e em seus destinos. Traduzida para mais de quarenta línguas, inclusive retratada em filme cujo título em português é “*O menino de Cabul*”, a obra reafirma o discurso hegemônico ao sustentar uma visão do Oriente Médio como retrógrado, patriarcal, opressor, exótico, primitivo, em oposição ao Ocidente idealizado. No romance, o protagonista, mesmo sendo afegão, está profundamente alinhado com a proposta de supremacia hegemônica americana que envolve o discurso de intervenção americana no Oriente Médio.

Por outro lado, através de uma abordagem comparatista, observa-se a presença de vozes com outros discursos na literatura étnica norte-americana. Vozes diaspóricas têm investido na projeção de identidades híbridas, divergentes. Essas vozes buscam retratar o olhar do “outro” em relação aos conflitos socioculturais, atentando para a necessidade de observar como a propagação de estereótipos essencialistas acaba minando a possibilidade de convivência e empatia, colocando em risco a própria sustentabilidade planetária. O romance *Once in a Promised Land* (2007) de Laila Halaby propõe olhar para os conflitos gerados no Ocidente, provenientes da obsessão por segregação nacionalista. O conceito de *melting pot* da cultura americana é apresentado como problemático, através da observação das relações de subjugação evidenciadas na própria cultura americana. No romance, o casal de protagonistas de origem árabe vive nos Estados Unidos. Percebem a impossibilidade de concretização do sonho americano de estabilidade econômica e liberdade frente a uma sociedade atormentada por estereótipos em relação ao outro, ao oriental. De modo distinto em relação à obra *O caçador de pipas* (2003), o romance de Halaby questiona estereótipos e destaca a vida de pessoas do Oriente Médio na América em situação de exclusão social por não subjugação a padrões de segregação e de dominação sociocultural.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- DERRIDA, Jaques. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim T. Costa e Antônio Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.
- GROSGUÉL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922016000100025&lng=pt&nr=iso. Acesso em 14 jun. 2021.
- HALABY, Laila. *Once in a Promised Land*. Boston: Beacon Press, 2007.
- HALABY, Laila. *Bio*. Boston: Beacon.org. Disponível em: <<http://lailahalaby.net/bio/>>. Acesso em: 04 abr. 2017.
- HOSSEINI Khaled. *The kite Runner*. New York: Penguin, 2003.
- HOSSEINI Khaled. *O caçador de pipas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.
- SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendência e impasses: o Feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 187-205.
- THE KHALED HOSSEINI FOUNDATION. *Biography*. San Jose, California. 2006. Disponível em: <<http://khaledhosseini.com/books/and-the-mountains-echoed/discussion-questions>>. Acesso em 03 de abril de 2017.
- VOGT, Loiva S. *The Kite Runner e Once in a Promised Land: Esteriótipos do Oriente e a Literatura Étnica Norte-americana*. In: ARAÚJO-SILVA, Gisvaldo B. (Org.) *Anais do I e II Seminários Internacionais da ABRALITEC*. Ouro Preto: IFMG, 2020, p.83-90.

Data de recebimento: 20/03/2021

Data de aprovação: 10/07/2021